

## Um olhar para a caminhada dos israelitas rumo à liberdade em Êxodo 16,1-35 sob a perspectiva da interface entre religião e migração

A look at the path of the Israelites towards freedom in Exodus 16,1-35 from the perspective of the interface between religion and migration

Reginaldo de Abreu Araujo da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A Bíblia está recheada de exemplares de indivíduos e grupos que migram entre os distintos lugares bíblicos. O Livro do Êxodo narra a migração dos israelitas do Egito, terra da escravidão, rumo a uma terra onde corre leite e mel. Eles viveram muitas situações que migrantes aos milhares têm que experienciar em suas trajetórias: desejos de vida melhor, arrependimentos, nostalgia pela terra anterior, condições precárias de subsistência, escassez de alimentação, necessidade de estímulo para prosseguir na caminhada, presença da fé e da liderança religiosa, realização da chegada ao novo destino. Este trabalho de pesquisa bibliográfica pretende fazer uma interface entre religião e migração a partir de Êxodo 16,1-35 e mostrar que a fé religiosa se constitui eficaz na reafirmação dos sonhos e dos objetivos na caminhada migratória.

**Palavras-chave:** Êxodo, migração, sofrimento, fé, liberdade.

**Abstract:** The Bible is full of copies of individuals and groups that migrate between different biblical places. The Book of Exodus narrates the migration of the Israelites from Egypt, the land of slavery, towards a land that flows with milk and honey. They have lived through many situations that migrants by the thousands have to experience in their paths: desires for a better life, regrets, nostalgia for the previous land, precarious subsistence conditions, food shortages, the need for encouragement to continue on their journey, the

---

Artigo recebido em: 30 de abr. de 2022  
Aprovado em: 18 de jan. 2023

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa NUMINA: Núcleo de Estudos de Psicologia da Religião e da Espiritualidade (PUC-SP).

presence of faith and religious leadership, realization of arrival at the new destination. This bibliographic research work intends to make an interface between religion and migration from Exodus 16,1-35 and to show that religious faith is effective in reaffirming dreams and goals in the migratory journey.

**Keywords:** Exodus, migration, suffering, faith, freedom.

## Introdução

O objetivo deste artigo é fazer uma leitura de um texto bíblico sob a perspectiva da interface entre religião e migração. O trecho bíblico escolhido, Ex 16,1-35, faz parte do que o teólogo espanhol Miguel Ángel Garzón Moreno chama de segunda seção da estrutura do livro do Êxodo, nomeando-a como “A passagem pelo deserto (15,22-18,27)”, que “narra o caminho do povo libertado desde o mar dos Juncos até o Sinai”.<sup>2</sup> O movimento migratório no texto é assinalado por Garzón Moreno em sua definição da segunda seção quando chama as cenas que unem esta segunda seção de “cenas unidas pelas fórmulas de itinerário (...), que por sua vez unem toda a marcha do povo pelo deserto ‘grande e terrível’ até chegar a Moab depois de quarenta anos”.<sup>3</sup> O autor explica que:

A narração é uma transição que une a primeira parte do livro (libertação) e a última (permanência no Sinai). O caminho de três dias pelo deserto (15,22) já foi anunciado por Deus ao chamar Moisés (3,18). No deserto, o povo enfrenta novos perigos: necessidades de ordem natural (fome e sede), dificuldades na comunidade (autoridade e poder) e ataques de inimigos (amalecitas). As necessidades provocam a queixa do povo. Deus então se mostra como pai que cuida e alimenta. Moisés continua a agir como guia e mediador.<sup>4</sup>

Estas palavras dão a abertura a uma análise do texto de Ex 16,1-35 introduzindo à compreensão dos acontecimentos neste referido

---

<sup>2</sup> Os teólogos Leonardo Agostini Fernandes e Matthias Grenzer também nomeiam como “passagem pelo deserto” esta segunda seção, ou melhor, como dizem, esta segunda etapa do “projeto global do êxodo”. FERNANDES, Leonardo A.; GRENZER, Matthias. *Êxodo 15,22-18,27*. São Paulo: Paulinas, 2011, (Coleção Comentário Bíblico Paulinas), p. 6.

<sup>3</sup> GARZÓN MORENO, M. A. ¿Cómo ler el Libro del Êxodo? In: *Reseña Bíblica: El Libro del Êxodo*. Estella (Navarra), España: Editorial Verbo Divino, n. 82, verano 2014, p. 8. Tradução nossa do espanhol.

<sup>4</sup> GARZÓN MORENO, 2014, p. 9. Tradução nossa do espanhol.

trecho bíblico como movimento de migração com suas características próprias.

Os israelitas migraram da terra do Egito rumo a uma nova terra, na qual esperavam viver em liberdade. Liberdade que será a concretização do projeto global do êxodo.<sup>5</sup> Dentro do itinerário da marcha o povo viveu distintas situações, ora de esperança de um futuro de liberdade, ora de queixas diante das dificuldades encontradas.

A trajetória dos israelitas foi longa. O caminho percorrido foi gigantesco. O texto bíblico expressa a demorada peregrinação utilizando o símbolo dos quarenta anos (Ex 16,35). Nossa análise deter-se-á em um trecho selecionado dessa longa trajetória, caracterizado pela chegada ao Deserto de Sin. O povo já havia caminhado do Mar dos Juncos (Mar Vermelho) até o Deserto de Sur e, deste, até Elim, local onde o povo tinha encontrado fontes de água e palmeiras e pudera acampar-se e matar a sede (Ex 15,27).

Nossa reflexão inicia-se com a chegada do povo ao Deserto de Sin, depois de ter partido da região de Elim. O Deserto de Sin ainda não é o ponto de chegada. O povo continua marchando. São migrantes em busca da terra da liberdade. Sin está no meio do caminho entre Elim e o Sinai. E o Sinai será o local da grande permanência antes da chegada ao local desejado, Canaã. Nesta reflexão pretendemos analisar alguns acontecimentos no Deserto de Sin. Acontecimentos específicos que marcaram a vida dos israelitas migrantes rumo a uma terra de liberdade.

O teólogo argentino Pablo Andiñach, na obra “O Livro do Êxodo, um comentário exegético-teológico” oferece-nos uma análise em minúcias sobre este livro da migração dos israelitas, os quais, sob a liderança de Moisés, fizeram o processo de libertação da escravidão do Egito, caminham pelo deserto e constituirão o povo de Israel. O teólogo estadunidense George V. Pixley oferece-nos a obra “Êxodo” da Coleção Grande Comentário Bíblico das Edições Paulinas. E o teólogo brasileiro Leonardo Agostini Fernandes em coautoria com Matthias Grenzer, teólogo alemão que adotou o Brasil como sua pátria, brindam-nos com a obra “Êxodo 15,22-18,27”. Apoiando-nos nestas três obras e tomando como base o texto bíblico da “Bíblia do Peregrino” do teólogo espanhol Luís Alonso Schökel, faremos nossa reflexão sobre o itinerário e os acontecimentos que marcaram a migração dos israelitas pelos caminhos dos desertos.

## **1 - As murmurações diante das dificuldades**

---

<sup>5</sup> FERNANDES; GRENZER, 2011, p. 6.

A linguagem da análise de Andiñach oferece-nos a compreensão do caráter migratório da trajetória dos israelitas no Êxodo. Referindo-se à narrativa do trajeto que faz parte do trecho bíblico escolhido, ele diz que esta “narrativa continua oferecendo pistas teológicas, que foram construídas a partir das situações que o povo enfrentava em cada etapa”.<sup>6</sup>

Como observa o teólogo, neste trecho da caminhada, ou seja, nesta etapa, não se menciona o tema da água. O Êxodo tinha falado que, na etapa anterior, os israelitas tinham encontrado água e vegetação, como já dissemos acima sobre Ex 15,27. Pode-se inferir que a água não é um problema no capítulo 16, pois não há nenhuma indicação de falta de água. Mas há sim outras dificuldades.

Pixley chama a esta etapa do capítulo 16 do Êxodo de terceiro perigo enfrentado pelo povo libertado: o perigo da falta de alimentos.<sup>7</sup>

Uma crise terrível para os migrantes é passar fome. Sofrimento que é no corpo, mas que atinge também a alma, ou seja, a sensibilidade, que é afetada por causa da privação. Os israelitas sofreram na pele a falta de alimentos. Eram migrantes em busca da terra onde corria leite e mel, mas para chegar lá, passaram por dificuldades gigantescas.

Andiñach recorda que os israelitas tinham levado consigo o pão sem fermento quando saíram da terra da escravidão, o Egito. Mas durante o itinerário percorrido que teve a duração de um mês e meio, o pão teria chegado ao fim. Ele diz que os israelitas, “quando chegaram ao deserto de Sin, sentem que vão morrer de fome nesse lugar e queixam-se diante de Moisés e Arão”.<sup>8</sup>

Nesse processo migratório em que o perigo da fome chega ao extremo, pois faltam pão e carne, tem início, com as murmurações, um questionamento à caminhada que está sendo feita. O questionamento provém de diferentes entendimentos ou percepções. As dificuldades tão grandes começam a gerar opiniões adversas. O professor de Bíblia estadunidense William MacDonald diz que os israelitas, ao murmurarem por causa da fome e manifestarem que estavam com saudade da fartura na terra do Egito passaram por um processo de esquecimento, ou seja, “parece que a lembrança da comida fez o povo se esquecer da forma brutal de como havia sido

---

<sup>6</sup> ANDIÑACH, Pablo R. *O Livro do Êxodo: um comentário exegético-teológico*. Tradução: Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2010, p. 215.

<sup>7</sup> PIXLEY, George V. *Êxodo*. Tradução: J. Rezende Costa; revisão Nilo Luza. São Paulo: Paulinas, 1987. (Coleção Grande Comentário Bíblico), p. 116.

<sup>8</sup> ANDIÑACH, 2010, p. 216.

escravizado nesse país”.<sup>9</sup> Conforme narra o livro do Êxodo, em seu primeiro capítulo, o povo foi submetido a trabalhos forçados, como nas construções das cidades-celeiro Pitom e Ramsés e que era oprimido e sua vida foi amargada com dura escravidão (Ex 1,11-14).

Começamos a notar que o sofrimento vivido no momento da caminhada pode levar os caminhantes a modificarem certas noções ou compreensões da vida. O sofrimento fere e, por isso, leva as pessoas a verem as coisas de formas diferentes, e talvez até deturpadas. Os israelitas tinham reclamado ao Deus Iahweh enquanto estavam escravizados no Egito, de acordo com os primeiros capítulos do Êxodo. Lemos em Ex 3,7-8 que Iahweh tomou a iniciativa de agir contra a escravidão depois de ver a opressão do seu povo no Egito, depois de ouvir suas queixas contra os opressores. E a iniciativa do Deus Iahweh vai além de tomar conhecimento. A narrativa do Êxodo é enfática ao contar que Iahweh desce para livrar os israelitas da escravidão egípcia e levá-los a uma terra que mana leite e mel.

Os israelitas, que no capítulo 16, estão migrando com destino a nova terra, onde encontrariam leite e mel, ou seja, sustento e vida livre, no meio do caminho, passando pelo perigo da fome, parecem esquecer-se do passado de vida amarga.

Como analisa Andiñach, “a distância geográfica e temporal, aliada a uma nova situação problemática, torna o passado mais romântico, suavizando suas arestas, a ponto de desaparecerem”.<sup>10</sup>

Sobre essa possibilidade de atenuação dos sofrimentos anteriores e de alteração da visão da realidade, é interessante a interpretação de Pixley. Numa linguagem que reflete sobre a migração de uma situação para outra, ele analisa:

Eis que o povo, que vencera o tirano para ganhar o direito de construir o seu próprio projeto, não tem agora ânimo para aguentar os sacrifícios da passagem para a nova sociedade! No Egito, a vida era dura, mas a estrutura de produção e circulação de alimentos estava bem estabelecida, de forma que relativamente não havia escassez. Agora Israel se encontra em situação onde ficaram para trás as velhas estruturas e ainda não pôde construir as novas. E daí resulta o perigo da fome. É natural que

---

<sup>9</sup> MACDONALD, William. *Comentário bíblico popular: Antigo Testamento*. Editado com introduções de Art Farstad. 2 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 63.

<sup>10</sup> ANDIÑACH, 2010, p. 216.

nesta situação haja saudade do antigo, se não por ser bom, pelo menos por ser conhecido.<sup>11</sup>

Os israelitas, como todo grupo migratório, enfrentam muitas dificuldades no itinerário e, mesmo que tenham saído da terra do Egito para buscar uma vida melhor, por acreditarem num sonho, por acreditarem no anúncio do líder Moisés de que havia um projeto de Iahweh para que o povo se transferisse para uma terra onde a vida seria de liberdade e de dignidade, os sofrimentos da caminhada geraram o desânimo. A caminhada longa, com seus entraves, não permite vislumbrar na imediatez da vida a concretização de novas formas de organizar a vida. Como nos diz Pixley, não haviam construído, durante o itinerário, novas estruturas sociais. A estrutura psíquica também é marcada pela insegurança do caminho, do desconhecido, das resignações a que a penúria obriga. Por isso, a saudade do modo de vida anterior poderia explicar-se se fosse por causa de ter sido aquele modo de vida conhecido; não se poderia imaginar sentir saudade da vida amarga sob a escravidão se não fosse porque a aflição diante do desconhecido alterasse os sentimentos profundos de segurança e certeza.

Mas o desânimo podia ter ocorrido também porque talvez houvesse no meio deles alguns que desacreditassem no sonho e instigassem os demais a contrariar a proposta de continuar caminhando. Pixley continua auxiliando-nos na compreensão dessa intensidade sociológica explicando-nos que:

A escassez era verdadeira, e a exigência de alimento era justa. A vanguarda revolucionária tinha de ter previsto os problemas que surgiriam na passagem, e, à medida que é incapaz de resolvê-los (com a ajuda do povo), merece crítica que será sã. Mas esta não é crítica sã às falhas no processo revolucionário. São expressões contra-revolucionárias: “... nos trouxeste a este deserto para fazer toda esta multidão morrer de fome”. O lema revolucionário é: “Iahweh nos tirou do Egito, da casa da servidão”. Em sua crítica, os contra-revolucionários acusam o projeto de ser projeto de morte e não de libertação. Desde o princípio, Iahweh e Moisés previram o deserto como lugar de passagem para a “terra que mana leite e mel”. Acusar Moisés de trazê-los até ali como se fora o destino do movimento é grave crítica.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> PIXLEY, 1987, p. 116

<sup>12</sup> PIXLEY, 1987, p. 116-117.

No Egito os israelitas eram alimentados não porque houvesse fartura de comida, mas sim porque havia uma alimentação assegurada para que os trabalhadores mantivessem a produção. Trabalhadores enfraquecidos sem se alimentar seria prejuízo para o sistema egípcio. Daí, a saudade que os israelitas manifestam das panelas de carne não condiz com a realidade da escravidão, esclarece Andinách, que salienta que, mesmo que o texto bíblico diga que a comunidade dos israelitas protestasse (Ex 16, 2), não seria todo o povo contra o projeto de caminhar rumo a uma nova forma de viver. Talvez fossem pequenos grupos descontentes.<sup>13</sup>

Grenzer chama a atenção para um detalhe na murmuração dos israelitas em Ex 16,3: dizem que preferiam ter morrido na terra do Egito. O sofrimento vivido na escravidão, a opressão do trabalho forçado, inclusive o golpe aos inspetores israelitas que trabalhavam para o Egito, aos quais foram aplicadas exigências de maior produção de tijolos sem receberem a matéria-prima necessária (Ex 5,6-18), tudo isso se tornou uma conjuntura insofrível. Diante de tal situação, Grenzer explica que “faz sentido que os *israelitas* cultivem agora a impressão de quase *terem morrido na terra do Egito* (v. 3b).”<sup>14</sup>

## 2 - O maná e as codornizes

Depois que o povo murmurou e protestou contra a escassez de comida, o texto bíblico narra a resposta do Deus Iahweh, que fala a Moisés que fará chover pão do céu (Ex 16,4) e dará carne aos israelitas para que a comam (Ex 16,8). O povo receberia pela tarde a carne e pela manhã o pão e deveria recolher somente a porção necessária para cada dia. Caso recolhesse a mais ou a menos, na vasilha final não sobraria para quem recolhesse a mais nem faltaria para quem recolhesse a menos. Iahweh estabeleceu uma distribuição igualitária para que todos tivessem o necessário. Assim, como só poderiam recolher o necessário para cada dia, caso recolhessem a mais para acumular, o excedente apodreceria com o surgimento de vermes.

O pão que Iahweh mandava chamou-se maná, palavra que corresponde ao hebraico *man hú*, cujo significado é a pergunta que os israelitas fizeram: “o que é isso?” à qual respondeu o líder Moisés explicando que era o pão que Iahweh dava ao povo para comer (Ex 16,15).<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> ANDIÑACH, 2010, p. 217.

<sup>14</sup> FERNANDES; GRENZER, 2011, p. 36. Itálico dos autores.

<sup>15</sup> SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. Tradução de introduções, notas, cronologia e vocabulário: José Raimundo Vidigal; tradução do texto

Andiñach explica que a ordem de Iahweh para que o povo recolhesse somente a porção do maná para cada dia seria como um tipo de prova a que os israelitas estavam sendo submetidos. A dureza encontrada na caminhada podia causar consequências que prejudicariam as próprias pessoas. Os seres humanos podem acabar se esquecendo uns dos outros devido às dificuldades e ao desespero diante da escassez de comida. Para que se lembrassem que estavam migrando juntos e que ninguém poderia ser privado do mínimo necessário para viver, estava estabelecido pelo Deus Iahweh que ninguém ficaria com excedentes.<sup>16</sup> A fé em Iahweh possibilitava conhecer um ensinamento divino que, para Pixley, explica-se da seguinte maneira: “Iahweh ensina uma ética revolucionária e popular, que sabe que as pessoas têm necessidades que devem ser satisfeitas, mas não tolera a acumulação.”<sup>17</sup>

O texto bíblico mostra que na caminhada o povo vivencia a dimensão da fé. A fé no Deus Iahweh, que tinha agido para libertar o povo da escravidão, seria um elemento auxiliador fundamental no enfrentamento das dificuldades, como a fome. O povo precisaria vivenciar a confiança na ação do seu Deus. Por isso, não acumular seria uma forma de confiar que Iahweh agiria sempre em favor do povo. Durante a migração pelo deserto se os israelitas vivenciassem a experiência da confiança no seu Deus garantiriam a igualdade social. Era uma fé que produzia resultados na vida prática do dia a dia.<sup>18</sup>

Pois a prova a que o Deus Iahweh colocou os israelitas para ver se guardavam a sua lei (Ex 16,4), a de que não acumulariam excedentes de alimentos, seria uma forma de ensinar aos migrantes que na caminhada todos constituem uma comunidade e todos precisam conscientizar-se da necessidade de construir uma sociedade onde todos possam ter o mínimo para sobreviver.

Caminhar como migrantes requer a consciência de caminhar juntos. Assim, a consciência religiosa, a partir da fé em Iahweh, oferecia uma contribuição importante para que todos aqueles que estavam migrando tornassem-se solidários e favorecessem a todos os membros do grupo caminhante.

A “Bíblia de Jerusalém” oferece uma análise sobre o maná que auxilia na compreensão dessa migração dos israelitas para a terra da liberdade. O que foi explicado por MacDonald como “um alimento

---

bíblico: Ivo Storniolo e José Bortolini. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2017, p.119, notas 16,15 e 16,16.

<sup>16</sup> ANDIÑACH, 2010, p. 217.

<sup>17</sup> PIXLEY, 1987, p. 121.

<sup>18</sup> ANDIÑACH, 2010, p. 217.

providenciado por Deus de modo sobrenatural”,<sup>19</sup> para a “Bíblia de Jerusalém” as “curiosidades naturais servem para ilustrar a providência especial de Deus para com o seu povo”.<sup>20</sup>

Quando os israelitas partiram da terra da escravidão pode ter acontecido de terem saído em mais de um grupo. Talvez tenham sido dois grupos distintos que rumaram para o deserto. Um grupo deve ter vivenciado o encontro com o maná que, segundo a “Bíblia de Jerusalém” era proveniente da secreção de insetos que vivem sobre certas tamargueiras (árvores de pequeno porte nativas da região mediterrânea<sup>21</sup>). Tais insetos são encontrados nessas árvores somente na região central do Sinai e o elemento formado pela secreção deles é colhido nos meses de maio e junho. Já as codornizes, aves migratórias, depois de voltarem da Europa, aparecem no mês de setembro no território por onde migravam os israelitas. Esses pássaros fazem sua migração anual por sobre o Mar Mediterrâneo e, quando chegam à costa mediterrânea da península do Sinai, o cansaço facilita-lhes serem abatidos. “Esse relato pode combinar as lembranças de dois grupos que deixaram o Egito separadamente (...), e cujos itinerários foram diferentes.”<sup>22</sup>

O teólogo Luís Alonso Shökel, na “Bíblia do Peregrino” explica que a resposta de Iahweh às murmurações dos israelitas enviando-lhes o pão do céu e as codornizes tem um significado teológico que suplanta a crítica de alguns possíveis grupos contrários à migração. Iahweh socorre os israelitas garantindo-lhes a alimentação para que fique claro que a saída da terra da escravidão tinha uma validade “como ação do Senhor e manifestação da sua glória”.<sup>23</sup> Escapar à escravidão era um sonho dos israelitas, agora migrantes, mas era também um projeto divino. Assim, a fé no Deus Iahweh fortalecia nos israelitas o sentido da caminhada.

Grenzer enfatiza que o ensinamento do Êxodo é o de que “o projeto do êxodo corresponde à vontade de *Deus*. Foi o *Senhor quem fez o povo sair da terra do Egito*”.<sup>24</sup> E que a iniciativa de Iahweh de

---

<sup>19</sup> MACDONALD, 2011, p. 63.

<sup>20</sup> BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2002, nota *f*, p. 124.

<sup>21</sup> Cf. DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1.ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1.807.

<sup>22</sup> BÍBLIA de Jerusalém, 2002, nota *f*, p. 124.

<sup>23</sup> SCHÖKEL, 2017, p.118, notas 16,6-8. “Senhor” refere-se a Iahweh.

<sup>24</sup> FERNANDES; GRENZER, 2011, p. 39. Itálico dos autores. Sobre “Senhor” conf. nota anterior.

providenciar o alimento para os israelitas confirma este ensinamento, pois “o *povo* saberá que a *glória* divina se manifesta onde a fome é superada”.<sup>25</sup>

Grenzer fala da ação de Iahweh como um milagre duplo, pois o povo vai comer pão e carne. Os acontecimentos na vida dos migrantes estão permeados pela ação de Iahweh. A religião e os fatos cotidianos estão em grande sintonia. O texto bíblico vai apontando para compreender o significado da “presença das codornizes e do maná, expressões e manifestações da ação salvadora do Senhor”.<sup>26</sup>

O texto bíblico tem como um dos seus objetivos mostrar que aos migrantes israelitas era necessário conhecer um conjunto de ensinamentos sobre a fé na caminhada. Grenzer enfatiza que o texto sagrado tem essa proposta educativa, esclarecendo que

com a presença dos bens materiais necessários para a sobrevivência, o *povo* tem a chance de alcançar um novo *saber*, sendo que tal *conhecimento* já lhe foi anunciado por *Moisés* (cf. v. 6). Ao perceberem, pois, que *quem os fez sair da terra do Egito* (v. 6) também os alimenta no meio do *deserto*, *vão saber* o que significam as palavras: *Eu sou o Senhor, vosso Deus*. Quer dizer: a experiência de os miseráveis terem seu destino invertido de forma surpreendente traz consigo um *saber* novo e místico do Deus de Israel.<sup>27</sup>

A vivência religiosa da fé em Iahweh levando o povo a assumir o ensinamento divino contribuiu para que os israelitas tivessem uma nova postura diante das dificuldades. Andiñach elucida esta nova postura explicando que “os sinais concretos da proteção de Deus – as codornizes e o maná – deram-lhe [ao povo] ânimo para assumir que seu futuro estava no deserto e para além do deserto – não no retorno ao Egito.”<sup>28</sup>

### 3 - O dia do descanso

No meio da longa caminhada pelo deserto, que durou quarenta anos, Iahweh, o Deus dos Israelitas, preocupou-se com a necessidade do povo parar para descansar. Daí, em Ex 16,23 Moisés anuncia que Iahweh promulgou a lei do dia de descanso, que fará parte da

---

<sup>25</sup> FERNANDES; GRENZER, 2011, p. 40. Itálico dos autores.

<sup>26</sup> FERNANDES; GRENZER, 2011, p. 41. Itálico dos autores.

<sup>27</sup> FERNANDES; GRENZER, 2011, p. 43. Itálico dos autores.

<sup>28</sup> ANDIÑACH, 2010, p. 219.

constituição jurídica do povo de Israel. Lemos nos versículos 23 e 29 que o sétimo dia da semana é, segundo a determinação de Iahweh, dia de descanso dedicado a Iahweh. Em hebraico o verbo *shabat* é descansar, repousar, e refere-se às pessoas.<sup>29</sup> Daí, o sétimo dia é o *shabat*, um santo sábado, dia de descanso consagrado a Iahweh.

Fica claro que a religião está contribuindo para que os caminhantes aprendam a ter o dia da parada, de retomar as energias para depois prosseguir. E devem conscientizar-se de que não é somente uma atitude de restabelecimento das energias físicas, mas também de encontro com o divino, pois a determinação é de que o dia seja dedicado a Iahweh. Ou seja, o divino orienta para que os migrantes estabeleçam uma conexão espiritual para que tenham forças psíquicas para continuar a caminhada. Em Ex 16,29 a ordem divina é explícita para que a migração retome o fôlego. Iahweh diz: "Cada um fique em seu lugar, sem sair de sua tenda no sétimo dia." Os migrantes assimilaram a orientação divina, pois no versículo seguinte o texto confirma: "O povo descansou no sétimo dia." (Ex 16,30). Grenzer fala que o sábado é um projeto religioso, pois partiu de Iahweh, cujo objetivo é "beneficiar o ser humano e a sociedade". E além de restaurar as forças físicas e recuperar o ânimo, o sábado possibilitaria o encontro entre as pessoas, que não tendo que trabalhar, pudessem conversar, recordar, trazer à tona lembranças de como Iahweh agira para libertar o povo.<sup>30</sup> Esse projeto religioso contribui para que a migração possa ter momentos de retomada, de realimentar a esperança, de recordar os objetivos da caminhada.

Junto com a informação de que o sétimo dia seria o dia do descanso, Moisés orientou aos israelitas que recolhessem o alimento necessário no sexto dia para que no sétimo não tivessem nem o trabalho de recolher alimento. Ex 16,24 afirma que eles fizeram a reserva de maná para o sétimo dia e nesse dia não surgiram vermes nem o maná apodreceu. Nosso teólogo argentino explica que essa diferença ocorre entre os outros dias e o sétimo dia para mostrar que a "combinação do tema do maná com o sábado é utilizada para destacar a ação de Deus nesse episódio".<sup>31</sup>

#### **4 - Cultivar a memória**

Chegando ao final do trecho bíblico que escolhemos para esta reflexão, encontramos a ordem de Iahweh para que fosse guardada

---

<sup>29</sup> ANDIÑACH, 2010, p. 306.

<sup>30</sup> FERNANDES; GRENZER, 2011, p. 51.

<sup>31</sup> ANDIÑACH, 2010, p. 223.

em uma vasilha uma porção do maná, o equivalente a dois litros dele, segundo a tradução da “Bíblia do Peregrino” com o objetivo de que as gerações futuras pudessem ver o maná dado ao povo por Iahweh, que o tirou do Egito (Ex 16,32).

A quantidade a ser guardada equivalia à porção diária para sustentar cada pessoa. O mesmo já fora anunciado em Ex 16,16. A memória a ser cultivada seria a de que Iahweh agiu em favor do seu povo, alimentando-o sempre, ou seja, durante os quarenta anos da caminhada pelo deserto. A migração do povo israelita, permeada pela fé em Iahweh, deveria ser recordada após a chegada do povo à terra da liberdade. Deveria ser lembrado o itinerário, marcado pelas dificuldades que assolavam a vida do povo, mas que foram remediadas pela atitude do povo de respeitar o projeto de Iahweh para a sua caminhada.

### **Conclusão**

Fizemos uma reflexão sobre o trecho do texto bíblico de Ex 16,1-35 e pudemos levantar alguns elementos que possibilitam a interface entre religião e migração.

Apoiamos-nos em estudos de renomados teólogos acerca do texto do Êxodo bíblico, tais como Pablo Andiñach, Jorge Pixley e Leonardo Agostini Fernandes e Matthias Grenzer e no texto bíblico da “Bíblia do Peregrino”, de Luís Alonso Söckel, que nos ajudaram a perceber no texto do Êxodo elementos do caráter migratório do grupo dos israelitas.

O objetivo dos israelitas, ao migrar do Egito, era buscar uma vida livre numa nova terra que manava leite e mel, ou seja, os migrantes israelitas nutriam o sonho de uma nova vida numa outra terra, uma vida com liberdade.

O caminho feito pelo deserto foi árduo, com grandes dificuldades, e, no trecho selecionado, o problema foi o da falta de comida. Problema que provocou queixas e murmurações dos migrantes ao líder do grupo, Moisés, e, cuja gravidade, levou o povo a se esquecer do sofrimento que tinha vivido na terra da escravidão e a desanimar muitas vezes na caminhada.

A fé religiosa foi fundamental para que o povo pudesse encontrar soluções para o problema da fome. Os migrantes israelitas acreditavam que o Deus Iahweh providenciava os dois alimentos dos quais tinham necessidade e saudade: o pão e a carne, enviando-lhes do céu o maná e as codornizes. A solução foi compreendida como fruto da ação gloriosa de Iahweh, um Deus crido como aquele que agia em favor do povo que buscava o sonho da terra da liberdade.

A religião contribuiu para que o povo retomasse o alento da caminhada e se organizasse para que o alimento fosse distribuído de modo que ninguém ficasse privado dele, isto é, a fé israelita no Deus Iahweh levou o povo a se organizar como uma comunidade com ideais igualitários na distribuição da comida. A fé também contribuiu para que o ritmo da migração pudesse ser sempre retomado após o dia do descanso semanal. Dia que deveria ser dedicado ao seu Deus e que poderia ser uma oportunidade aos migrantes de se encontrarem para fortalecer a unidade e se reanimar para continuar a caminhada.

A fé contribuiu para que o povo superasse as dificuldades da longa caminhada, que durou quarenta anos pelo deserto, e não desistisse do sonho de viver livre numa nova terra.

### Referências

- ANDIÑACH, Pablo R. *O Livro do Êxodo: um comentário exegético-teológico*. Tradução: Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2010.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1.ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- FERNANDES, Leonardo A.; GRENZER, Matthias. *Êxodo 15,22-18,27*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Comentário Bíblico Paulinas).
- GARZÓN MORENO, M. A. ¿Cómo ler el Livro del Êxodo? In: *Reseña Bíblica: El Libro del Êxodo*. Estella (Navarra), España: Editorial Verbo Divino, n. 82, p. 5-14, verano 2014.
- MACDONALD, William. *Comentário bíblico popular: Antigo Testamento*. Editado com introduções de Art Farstad. 2 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- PIXLEY, George V. *Êxodo*. Tradução: J. Rezende Costa; revisão Nilo Luza. São Paulo: Paulinas, 1987. (Coleção Grande Comentário Bíblico).
- SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. Tradução de introduções, notas, cronologia e vocabulário: José Raimundo Vidigal; tradução do texto bíblico: Ivo Storniolo e José Bortolini. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2017.